

-Série- “História de pessoas que trabalham na JICA do Brasil”

■ História No.6 ■ Luis Okamoto (Funcionário Local da JICA Brasil)



Nascido na cidade de Mogi das Cruzes, localizada a cerca de 60 km a leste de São Paulo, capital.

O seu pai é issei (nikkei de primeira geração) da província de Hokkaido. O ambiente em que seu pai vivia era duro. Foi para Sapporo como aprendiz aos 15 anos e tornou-se carpinteiro. Certo dia recebeu uma carta de um companheiro da mesma província que vivia na cidade de Mogi convidando-o a vir para o Brasil, dizendo: “A granja aqui da cidade está à procura de um carpinteiro. Por que não vem para o Brasil?”. Aproveitando esta oportunidade, o seu pai, que tinha 24 anos na época, decidiu viajar para o Brasil sozinho.

“ Quais são os seus objetivos futuros? ”

“ Todos os dias surgem novos desafios, por isso que é interessante. Embora o trabalho me mantenha sempre ocupado, quero ser capaz de fazer meu trabalho um dia de cada vez de uma forma que me sinta satisfeito ”

O Sr. Luis Takayuki Okamoto, que tem estado constantemente envolvido em projetos de apoio à comunidade Nikkei na JICA Brasil, conta-nos sobre sua carreira singular e sua percepção e entusiasmo por seus projetos.

A sua mãe era de Tóquio, mas mudou-se para o Brasil com 2 anos de idade e é quase da segunda geração japonesa (a chamada Jun-Nisei). O seu avô por parte da mãe deixou Hokkaido para se tornar jornalista em Tóquio, mas a vida era difícil, e ele e sua mulher decidiram mudar-se para o Brasil. Viveram numa fazenda de café na região de Sorocaba/SP, antes de mudarem para Mogi.

Apesar de suas diferentes trajetórias, os pais de Luis se conheceram em Mogi e tornaram-se naturalmente próximos, e finalmente se casaram.

Nessa época, havia cerca de 10 colônias nikkei na cidade de Mogi, e o Luis nasceu na mais antiga colônia dentre elas, chamada Cocuera. Era o caçula de três irmãos homens.

“Eu era uma criança tranquila do interior e adorava revistas em quadrinhos americana e japonesa. As revistas japonesas eram caras na época, mas lembro-me da minha avó me comprar revistas da editora Shogakukan como “Otoshidama” (Presente de Ano Novo). Li e reli várias vezes”, comentou enquanto se lembrava da época.

Sua mãe era dedicada à educação de seus filhos, e o Luis foi educado por ela em casa desde pequeno. Graças à dedicação da sua mãe, quando entrou no pré-primário (à época) já era capaz de ler e escrever o alfabeto português, hiragana, katakana e até fazer cálculos simples.

Continuou o ensino fundamental na escola local, e muitos da classe eram nikkeis. “Entre os alunos nikkeis, competimos sempre uns com os outros quando se tratava de estudar, e tínhamos uma forte rivalidade entre nós, e havia sempre pressão para marcar 80 pontos ou mais nas provas”, recorda.

Quando se aproximava a sua formatura do ensino fundamental, passou a pensar sobre o colégio que iria seguir.

“Pensei que seria bom estudar numa escola que me aproximasse de uma profissão. O meu pai trabalhava numa granja avícola, mas era empregado por outra pessoa, não o proprietário. O meu pai sempre me disse: “Estude muito para o futuro”.

Enquanto pensava onde estudar no ensino médio, foi abordado por um colega cujo irmão mais velho frequentava uma escola técnica na cidade de São José dos Campos, a 65 km de Mogi. No final, cinco de seus colegas (nikkeis) da mesma terra natal realizaram a prova para o mesmo colégio e todos passaram.

Nesta época, a matriz da Embraer (fabricante de aeronaves brasileiras), localizava-se na cidade de São José dos Campos. Atualmente a maior empresa de exportação do Brasil e a terceira maior fabricante de aeronaves de passageiros do mundo. E outras fábricas como Philips, National (atual Panasonic) e GM, conferiam a São José dos Campos o status de um dos principais polos industriais do Brasil. Comparado à Mogi, era uma cidade grande, por isso foi um grande estímulo para Luis, que cresceu no interior.

“As famílias dos cinco colegas saíram à procura de uma pensão, e no final, todos os cinco acabaram por ficar na casa de um conhecido Nikkei.”



Então, Luis começou a estudar eletrônica numa escola técnica. Com desejo de trabalhar o mais rápido possível, escolheu um campo com grande praticidade.

Depois, no seu quarto ano do ensino médio, foi enviado como estagiário para o departamento de pós-serviço de um fabricante de equipamentos (impressora) na capital de São Paulo, conseguindo, depois de se formar, emprego na mesma companhia.

Um jovem que cresceu no interior finalmente consegue um emprego em São Paulo, a maior cidade da América do Sul. Foi um grande passo para Luis.

Cerca de um ano e meio após ingressar na empresa, ele ganhou destaque e sua capacidade foi reconhecida. Com isso, foi colocado numa posição de suporte técnico e começou a ter contato com grandes clientes. Na mesma época, começou a frequentar a faculdade noturna.

No entanto, ocorreu algo que se tornou um ponto de viragem na sua vida.

“Na época, o governo brasileiro promovia a produção nacional de sistemas de TI. No entanto, durante a administração Collor (1990 a 1992), houve a liberação generalizada do comércio internacional e das importações, em que o equipamento de TI foi incluído no programa. De repente, a empresa na qual trabalhava foi obrigada a competir com empresas multinacionais que eram esmagadoramente superiores em termos de tecnologia e capital, e a diferença de participação no mercado aumentou. A empresa começou a ter dificuldades na gestão e finalmente começamos a ouvir falar seriamente sobre demissões” .

Quando estava prestes a se formar na universidade, Luis decidiu candidatar-se ao programa de bolsas da JICA “Treinamento Técnico Avançado para Descendentes de Migrantes”, em que foi aprovado.

Este foi o início da sua relação com a JICA.

“Quero ver a grande cidade” . Seu desejo manteve-se inalterado, e finalmente viajou a país de primeiro mundo, Japão. Foi em abril de 1996, quando Luis tinha 25 anos. Até então, tinha aprendido sobre Tóquio na televisão e tinha a impressão de que era “incrível” . Quando viu a paisagem urbana, o impacto da cidade

grande no país desenvolvido manteve-se o mesmo.

No Japão, participou de um programa de treinamento em um seminário de gestão da Universidade de Kobe. Cerca de 20 colegas estagiários da Argentina, México e outros países da América Central e do Sul foram espalhados pelo Japão, depois de passarem um tempo juntos.

Mais tarde, pediu para participar de treinamento corporativo pelo programa. Depois de procurar uma empresa da área elétrica onde pudesse fazer uso de sua formação educacional e experiência profissional, participou de treinamento por um ano na SANYO Electric Trading Co. Ltd. (na época) por meio de um conhecido de seu professor. Os resultados de seu treinamento no Japão foram reconhecidos, pois, quando retornou ao Brasil em março de 1998, conseguiu um emprego em uma subsidiária local da SANYO Electric (doravante SANYO).

Parecia ser uma progressão de carreira tão rápida e tranquila quanto se imaginava.

No entanto, um novo ponto de viragem o aguardava.

O ingresso ao novo emprego coincidiu com um período de crescimento econômico significativo, devido ao Plano Real do governo brasileiro. Foi introduzida uma taxa de câmbio fixa (1:1) entre o real e o dólar americano, e vários fabricantes de produtos eletrônicos, incluindo os da Coreia do Sul e da China, entraram no mercado. Em um determinado momento, mais de 20 fabricantes estavam competindo pelo mercado brasileiro.

Nos anos seguintes a SANYO enfrentou dificuldades como problemas de sucessão na sede e má administração, o que levou a empresa a ser integrada à Panasonic. No final de março de 2012, Luis teve de

deixar a SANYO. Ele estava na empresa há 14 anos.

Tentou encontrar um novo emprego, principalmente na área de elétrica, mas não deu certo.

Foi durante este tempo que uma oferta de trabalho do escritório regional da JICA (na época) de São Paulo chamou sua atenção: serviço de apoio aos expatriados do Japão. Trabalho relacionado ao apoio à comunidade nikkei. Serão necessárias algumas viagens” .

Decidiu candidatar-se, e foi bem-sucedido. Isso ocorreu em agosto de 2014, quando Luis tinha 43 anos de idade.

“Até então, tinha trabalhado apenas para um fabricante de produtos eletrônicos, mas nunca me senti desconfortável ao aceitar o desafio de trabalhar na JICA, que era completamente diferente” , diz enfaticamente.

“Especializei-me em compreender os produtos e vendê-los às pessoas, por isso basicamente gostava de me relacionar com as pessoas.”

Além disso, graças ao ambiente de “típica colônia nikkei” onde nasceu e cresceu, já sabia como funcionava a cultura e práticas comerciais tanto do Brasil como do Japão, o que o ajudou a compreender o trabalho de apoio à comunidade nikkei da JICA. “Quando visitei as colônias japonesas que foram destino do apoio da JICA, pude ter contato e sentir a história, os padrões humanos dos pioneiros, a atmosfera e a imagem futura que as pessoas possuíam, o que achei muito bom” .

Para Luis, o trabalho era divertido, em que as informações e conhecimentos adquiridos pelo contato com a comunidade nikkei foram acumulando. Com isso, seu interesse e percepção sobre a comunidade nikkei foram crescendo e mudando.

Então, um evento marcante aconteceu. Certo dia, surgiu a oportunidade de visitar uma determinada entidade nikkei para pesquisar a demanda sobre envio de voluntários. Curiosamente, era uma escola japonesa na colônia Cocuera de Mogi, onde Luis nasceu e cresceu.

Uma viagem a trabalho inesperada levou Luis a regressar a suas origens após 22 anos.

Ficou chocado ao ver a situação atual da escola japonesa que frequentava. Na sua época, havia cerca de 90 a 100 alunos, com turmas de manhã, tarde e noite, mas agora eram menos de 20.

Entre os representantes da associação que estavam apresentando a escola, estava uma professora de língua japonesa que havia dado aula para Luis, mas ela não se recordava. No entanto, quando ele se apresentou, imediatamente ela amoleceu sua expressão, e o Luis diz que não consegue esquecer este momento.

Depois de regressar a São Paulo, Luis apoiou o pedido da escola porque queria fazer algo por ela.

Alguns meses depois, graças aos seus esforços, foi decidido que seria enviado um voluntário na área de ensino da língua japonesa.



UN-Rio de Janeiro (Pesquisa de segurança)

Além dos projetos para apoio à comunidade nikkei (programa de voluntários), Luis tem atuado em diversas áreas, incluindo assuntos de administração, gestão de segurança, TI e projetos de subsídios para entidades nikkeis.

“Quando recebo palavras de gratidão pelas entidades que receberam apoio da JICA, fico sinceramente feliz.”

O momento mais feliz até agora “foi a realização bem-sucedida de uma palestra especial¹ do Sr. Shinichi Kitaoka, presidente da JICA (à época), realizada na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 2019 como parte da “Cátedra

Fujita-Ninomiya”, pela qual sou um dos responsáveis” .

Quando questionado sobre quais são os seus objetivos para o futuro, Luis respondeu: “Todos os dias surgem novos desafios, por isso que é interessante. Embora o trabalho me mantenha sempre ocupado, quero ser capaz de fazer o meu trabalho um dia de cada vez de uma forma que me sinta satisfeito.”

O rapaz que sonhava mudar-se do campo de Mogi para a cidade concretizou os seus objetivos um por um com as próprias mãos, estando agora a passar dias como um profissional de parceria com a comunidade nikkei. +++



■ Luis Takayuki Okamoto

Nascido na cidade de Mogi das Cruzes, seu horóscopo é virgem. Contratado pelo escritório da JICA em São Paulo em agosto de 2014, é responsável pelos projetos de apoio às comunidades nikkeis, TI interno, subsídios para associações nikkeis, etc.

Passatempos: karaokê (pertencia ao clube de karaokê no colégio).

Seu lema é "Rir para não chorar"

Série- "História de pessoas que trabalham na JICA do Brasil" apresenta a equipe da JICA envolvida na cooperação internacional no Brasil. Ao focar na "pessoa", vamos compartilhar a vida de como ela é, não só em termos de trabalho, mas também na sua vida, família, episódios, etc.

¹Para mais detalhes acesse: [Presidente Kitaoka realiza Palestra Especial da Cátedra Fujita-Ninomiya | Representação no Brasil | About JICA | JICA](#)